



Revista Municipal



PUBLICAÇÃO CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

NA CAPA:

*Ponte Salazar — 1.º Prémio do II Salão Municipal de Arte Fotográfica
— Fotografia, a cor, de Artur Pastor*

SUMÁRIO

INAUGURAÇÃO DA PONTE SALAZAR

*UMA OBRA QUE FICA A ATESTAR UM PERÍODO NOTÁVEL
DA GOVERNAÇÃO NACIONAL*

*NOITE DE GALA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO
DA PONTE SOBRE O TEJO*

*ICONOGRAFIA DO TEATRO SEISCENTISTA OLISIPONENSE
FERNANDO CASTELO-BRANCO*

*O SENHOR GENERAL FRANÇA BORGES VISITA
OFICIALMENTE PARIS*

EXTRATEXTO

*SÃO VICENTE O PADROEIRO DA CIDADE DE LISBOA
P.º JÚLIO D'OLIVEIRA BOTURÃO*

*HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS — V
IRISALVA MOITA*

*LISBOA, ETERNA MADRUGADA
ALBERTO DE MONSARAZ*

*III CONGRESSO HISPANO-LUSO-AMERICANO-FILIPINO
DE MUNICIPIOS*

*O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE LISBOA
MANUEL DOS SANTOS FERREIRA*

*COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS DA CIDADE DE ÉVORA
ACONTECIMENTOS CIDADINOS*

*ÍNDICE GERAL DA «REVISTA MUNICIPAL» N.ºs 108 a 111
— ANO 1966*



INAUGURAÇÃO DA PONTE SALAZAR

UMA OBRA
QUE FICA A ATESTAR
UM PERÍODO NOTÁVEL
DA GOVERNAÇÃO
NACIONAL

Lisboa sonhou, durante cerca de noventa anos, com a ponte — a sua ponte — que ligasse as duas margens do Tejo e que prolongasse até à capital as comunicações do sul e do sueste do país.

Foi o engenheiro Miguel Pais o pioneiro da iniciativa que encontrou, na cidade dos nossos avós, quem a apoiasse, abertamente, e quem a combatesse, como obra irrealizável.

Nesse lapso de tempo, não raro se voltou à ideia, mas o ambiente jamais pareceu propício a tão grandioso empreendimento, tanto mais que, praticamente, nenhum homem de Estado o encarou a sério.

Só em 1933 se registou a primeira iniciativa governamental, por intermédio do então ministro das Obras Públicas e Comunicações, eng.º Duarte Pacheco, traduzida no divulgado projecto da ponte entre o Beato e o Montijo, que uma série de conditionalismos criados pela iminência da segunda guerra mundial impediu que se concretizasse.

A partir dessa época, a possibilidade de construção da ponte, entre as duas margens do Tejo, passou a constituir preocupação dominante dos governantes, até que, em 1953, foi possível ao Ministério das Obras Públicas e ao das Comunicações, dirigidos, respectivamente, pelos eng.^{os} José Frederico Ulrich e Manuel Gomes de Araújo, a publicação da portaria criando a comissão de estudo, presidida pelo engenheiro Barbosa Carmona, em cujo relatório, apresentado três anos depois, se apoiou a decisão do Governo de dar execução ao empreendimento.

A última etapa para a construção da ponte foi vencida, em 28 de Maio de 1960, quando o Conselho de Ministros, após 15 horas quase consecutivas de trabalho, tornou público o despacho de adjudicação da empreitada.

Os trabalhos iniciam-se, em definitivo, em 10 de Janeiro de 1963 e a obra grandiosa foi surgindo até tomar a forma que hoje oferece e se tornou um dos panoramas mais interessantes e grandiosos da Lisboa dos nossos dias.



A cerimónia inaugural da Ponte Salazar transformou 6 de Agosto de 1966 num dia de júbilo nacional.

Mas se todo o país exultou de alegria, por ver concretizado esse sonho de tantos anos, foram os concelhos de Almada e de Lisboa quem melhor e mais exaustivamente viveu o acontecimento.

Faltavam alguns minutos para as 10.30 horas quando a multidão, concentrada na Praça da Portagem e em todos os espaços livres que a circundam, teve oportunidade de saudar um dos grandes obreiros da ponte: o Presidente do Conselho.

O Prof. Salazar desceu em frente da tribuna, onde o saudaram os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça, e os membros do Governo.

Alguns minutos depois ouvia-se o ruído dos motos dos batedores, precedendo o carro presidencial. As deputações da Academia Militar e da Escola Naval, da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina, e da Casa Pia de Lisboa perfilaram-se, desde a tribuna até à entrada da ponte.

Ficaram ao alto os estandartes dos municípios da Metrópole e do Ultramar, dos Sindicatos Nacionais e de muitos clubes desportivos.

A guarda de honra, constituída por uma força mista da Marinha, do Exército e de Para-que-distas, apresentou armas, ao som da marcha de continência, executada pela fanfarra.

A multidão crescia, de momento a momento.

Todos queriam ver a cerimónia inaugural.

Na margem de Lisboa, milhares de pessoas tentavam adivinhar o que ocorria para os lados de Almada, na outra margem do rio.

Momentos depois, chegou o Sr. Presidente da República que recebeu as honras militares inerentes ao seu alto cargo. Ia começar o acto inaugural por que todos há tanto tempo esperavam.

O Sr. Almirante Américo Thomaz dirigiu-se, então, para a tribuna e cumprimentou, com um sorriso aberto, o Prof. Salazar.

O coro «Stela Vitae» entoou a «Aleluia», de Haendel, em simbolismo perfeito com a alegria da multidão pela materialização daquele sonho de tantos anos.

A série de discursos pronunciados na cerimónia foi iniciada pelo eng.^o Canto Moniz, director do Gabinete da Ponte. Classificou o empreendimento como tradução perfeita da «confiança dos portugueses em si próprios» e «mensagem de fé nos destinos da Pátria».

Seguiu-se no uso da palavra Roger Blough, da United States Steel, que salientou as excepcionais qualidades de trabalho do operário português e acentuou: «A estátua da Liberdade e o Empire State Building tornaram-se os símbolos de Nova Iorque, e a Torre Eiffel o símbolo de Paris. Creio que, do mesmo modo, este estreito arco de aço que atravessa o Tejo — juntamente com a figura inspiradora do Cristo-Rei que o domina — se tornará, no futuro, o símbolo de Lisboa — não só para os viajantes do mundo, mas para as gerações de crianças que aqui e noutros países se debruçam sobre os seus livros de Geografia».

Outro orador foi o presidente da Câmara Municipal de Almada, dr. Glória Pacheco. Afirmou que a obra inaugurada simbolizava a tèmpera da nação portuguesa.





O Sr. general França Borges, presidente da edilidade da capital, proferiu então o seguinte discurso:

«O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa.

O Tejo, a cujo estuário acorrem desde há séculos as estradas que vêm das cinco partes do Mundo, vibra e grita.

O Tejo, donde partiu a alma portuguesa como semente de cristandade, veste-se de galas nesta hora e neste dia.

Pelas gravuras coloridas mostrando múltiplas bandeiras estrangeiras em naves ancoradas no Rio, pelos quadros expostos nos museus ou guardados por colecionadores, pelos livros de viagens e de estudo que correram Mundo, a fama da graciosidade de Lisboa apresentou-se sempre inseparável do seu Rio.

Hoje, reflecte-se nas suas águas alguma coisa de novo que as tágides camoneanas considerarão bastante estranho: uma silhueta ligeira e elegante que passou a ligar as duas margens, quebrando o seu desafogo tradicional.

É um novo elemento da mais real importância, porque vem enriquecer a Nação, na sua economia e no fortalecimento da sua unidade.

É a realização duma aspiração com que ao longo dum século se pretende completar, nas alturas de Lisboa, a rede de pontes que desde a fronteira vêm cruzando o Tejo.

De todas quantas se debruçam sobre os rios portugueses, esta é a mais extensa; é ainda particularmente festejada porque mercê do seu custo foi a mais difícil de construir.

Os maiores louvores são devidos ao Governo que se decidiu pela realização duma obra de tão alto valor e a Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas que colocou as suas qualidades de trabalho, o valor da sua experiência e vastos conhecimentos técnicos, ao serviço duma obra de extraordinária projecção no futuro da Nação e que ele acompanhou incansavelmente, no dia a dia da sua construção.

Os nossos louvores são ainda extensivos à valorosa equipa de técnicos que tem por chefe responsável o Senhor Engenheiro Canto Moniz, alto valor na engenharia portuguesa, inteligente, competente, culto, compreensivo e correcto.

★

Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, que semana a semana vem inaugurando melhoramentos com que se enriquece o património das terras e das gentes, tem a felicidade de incluir a inauguração desta grande obra entre as maiores com que se tem ilustrado o período do mandato de Vossa Excelência como ilustre e querido Chefe da Nação.

Que Vossa Excelência, aquém e além-mar, continue somando dia a dia, com saúde, as vitórias e os sucessos de que é merecedor, para bem de Portugal.

★

Foi a execução desta obra atribuída a uma empresa que demonstrou possuir perfeita organização, experiência e amplo poder de planeamento; o prestígio da engenharia norte-americana ficará pois perpetuado no velho Continente, através desta notável realização.

A técnica foi assim, e uma vez mais, posta ao serviço da política. A pura técnica só existe efectivamente no campo do estudo ou do ensino. O mínimo progresso obtido pela técnica imediatamente será, sob qualquer aspecto, explorado pela política do Estado a quem tudo pertence em monopólio incontestado, desde o sangue dos jovens à inteligência dos sábios.

★

Esta obra é do Governo e tem característica nacional: pretende conseguir uma mais rápida, fácil e cómoda ligação entre as províncias de

aquém e de além-Tejo e contribuir para uma melhoria de transportes face às médias e grandes distâncias. Secundariamente presta uma contribuição quanto ao acesso à Cidade de Lisboa.

Veio inserir-se num flanco da Cidade, sobre terrenos municipais e, apesar de não a envolver nas suas ligações para norte, é de esperar que as condições de trânsito actuais não sejam muito agravadas.

Por sua própria iniciativa, a Câmara Municipal de Lisboa tudo fez para resolver e facilitar a resolução dos graves e importantes problemas que resultaram da sua construção.

Cedência de terrenos próprios, compra de terrenos alheios, indemnizações, realojamentos de numerosas famílias em novos bairros, demolições, questões judiciais, construção de novos e importantes arruamentos, entre os quais se destacam de um lado a ligação de Alcântara à Avenida Marginal e do outro a futura Avenida Calouste Gulbenkian, ligando a Praça de Espanha a Campolide, todos estes trabalhos se devem traduzir em encargos que se orçam por 200 000 contos ou seja, aproximadamente, uma décima parte do custo da própria ponte.

Felizmente que, em sete anos de consecutivos trabalhos, a cobertura do caneiro de Alcântara se encontra na sua fase final.

Felizmente que a Vereação e os Serviços podem inscrever, à data de hoje, no activo das suas realizações de carácter social, o total desaparecimento do tristemente célebre Casal Ventoso, objecto de críticas gerais durante décadas.

Cumpre-me registar aqui o profundo agradecimento pela ajuda decisiva que ao Município concederam na resolução dos problemas de aspecto social Suas Excelências os Senhores Presidente do Conselho e Subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

Quanto mais modesto, mais grandioso se torna; quanto mais se esconde mais iluminado se apresenta aos olhos da Pátria e do Mundo.

Ele é a voz da Pátria, vinda da profundidade dos tempos; ele é a permanente sentinela da sua

integridade; ele trás consigo a alma experimentada da Pátria com o registo das cicatrizes e dos sucessos que ao longo dos tempos ou ensanguentaram a bandeira das Quinas ou a fizeram desfraldar orgulhosamente batida pelo vento e pelo sol da glória.

Ele é o homem modesto e simples que está agindo como que no cumprimento de um voto através do qual fez a oferta integral da sua própria vida, como o fizeram os santos, os mártires e os heróis que mais iluminaram a história da gente portuguesa.

E nessa doação total de si próprio ele faz ressurgir Nun'Álvares. São a imagem um do outro. Nun'Álvares é o irmão de Salazar.

★

Salazar criou uma doutrina que ele próprio justificou e divulgou, conceito a conceito. Cheia de fé e de confiança, uma geração a aceitou e a seguiu.

Ao longo de quatro décadas com ele esteve uma multidão de valorosos colaboradores, nas funções do governo central ou nas províncias, distritos e municípios, nos gabinetes de trabalho, nas oficinas e nas ruas, nos estabelecimentos oficiais e particulares, nos meios onde se funde o saber, a inteligência, a sensibilidade e o coração do homem; nos meios de cultura, na Imprensa, em todos os lares, na alma das mulheres, nos pobres e nos ricos; por todos os recantos, onde uma educação condiciona uma atitude, uma multidão nele acreditou e o seguiu. Acreditou e acredita.

Na fidelidade das forças armadas, no aplauso das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo, em todos aqueles que foram fiéis ao chamamento, de alma pura e de mãos limpas, uns mortos, outros inutilizados ou retirados das lides políticas, todos lhe deram, ao longo dos anos, o melhor que possuíam dentro de si, porque tinham a certeza de que tudo revertia a favor da Nação, por seu intermédio.

O número infinito de obras, implantado em todos os recantos do País, são para ficar, destinam-se a ser usufruídas por todos indistintamente, por amigos e pelos que se consideram seus adversários, hoje e amanhã.

A amigos e a adversários ele oferece a paz, facilita a prosperidade, assegura a confiança quanto ao futuro.

Este ressurgimento completo foi obra dele, e foi esse ressurgimento que permitiu a realização do sonho de Miguel Pais.

★

Nem Miguel Pais, em 1877, nem os que projectaram mais tarde, conseguiram ver construída uma ponte em Lisboa. Porquê? E, no entanto, ao longo de meio século, existiram governos honestos, estadistas de grande projecção intelectual, heróis, fulgurantes jornalistas, pensadores inteligentes, políticos e técnicos distintos; homens competentes e experimentados nas variadas modalidades da administração, do fomento, do trabalho. Apesar de tudo, nem foi possível construir essa ponte notável nem levar por diante uma obra em profundidade.

A indisciplina, a instabilidade governativa, a desordem, os atropelos e a falta de cooperação, um emaranhado de razões cada uma delas constituindo um tratado, arruinaram o País material e moralmente.

Mas porque foi possível verificar então a realização desta e de tantas outras obras notáveis, no nosso tempo?

A resposta é simples e clara: anteriormente à Revolução Nacional não foi possível realizar obra construtiva, porque Salazar não existia. No nosso tempo tudo foi possível, porque Salazar existe.

Ao longo de quase quarenta anos ele reformou o País; ao fim de quase quarenta anos ele tinha salvo a Nação.

Como surgiu acontecimento tão maravilhoso?

Por milagre: de Deus que o inspirou; de toda a Nação que nele acreditou e o seguiu.

Salazar é de toda a Nação:

É do Continente, da Madeira e dos Açores; é da Guiné, de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe; é de Angola e de Moçambique, de Macau e de Timor; hoje como sempre é ainda de Goa, de Damão e de Dio. Salazar nasceu em todas elas e vive em todas elas.

Ele tem estado presente em todos os recantos da terra onde se pensa, se discute e se serve; nos locais onde se trabalha e se luta ou onde se constrói, a fim de se fortalecerem as raízes pelas quais Portugal se fixa na sua velha casa, prevendo os dias tempestuosos que vão crescendo sobre o presente.

A sua palavra, o seu exemplo, o seu génio, a magnitude do seu sonho espalham-se pelos recantos da terra lusíada, como guia e farol.

Ele é portador da serenidade e da certeza. É o guardião dos direitos e o juiz dos deveres.

Nestes quarenta anos difíceis em que sustentou a defesa e talvez tivesse salvo o prestígio duma civilização, ele só aparentemente envelheceu; está mais dobrado e mais branco, mas o espírito de hoje é o de sempre: fulgurante e criador. Mesmo que não apareça, a Nação nunca o esquecerá, porque é dever de todos nós manter vivo e iluminado o monumento de eterna gratidão erguido em nossas almas, como homenagem à coragem que não enfraquece, à inteligência que não cansa, à firmeza dum rumo que não se desvia da sua estrela polar.

Desde os alicerces da sua História, Portugal inteiro vibra pela culminância atingida por uma obra material e moral com que se salvou a Nação.

Foi ele só, por seu valor, ímpar, por sua administração, pela confiança e respeito que inspira a todo o Mundo, quem conseguiu que esta grandiosa obra se realizasse, como epílogo duma vasta e profunda obra de restauração nacional.

Toda a terra portuguesa, desde o Minho a Timor, glorifica o seu nome; todo o Mundo civilizado, por sua vez, o admira e o respeita.

O louvor eleva-se de todos os recantos da Terra Portuguesa.

Desde as cinco partes do Mundo Português, avoluma-se o vozear crescente da multidão, que se repercute nas montanhas, encostas e planuras, para ecoar nos vales dos rios e encher de clamor este Rio Tejo.

O Mundo Português realiza um perfeito acto de justiça ao afirmar:

— Obrigado Professor Oliveira Salazar, por ter doado a Portugal a plenitude da sua vida!

— Obrigado, por nos ter salvo da bancarrota e do comunismo.

— Obrigado, por nos ter concedido, ao longo de quatro décadas de sã administração, riqueza material, justiça social, paz, ordem, disciplina e prestígio.

★

O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa.

Na verdade, o Tejo, a velha estrada de Lisboa, tem razão para gritar connosco:

Muito obrigado Professor Salazar

Por nos ter dado também a Ponte Salazar»

Seguidamente, classificando o empreendimento como «a maior obra pública até hoje realizada em Portugal», o ministro das Obras Públicas, eng.º Arantes e Oliveira disse: «Graças a ela não mais este Tejo será obstáculo ao progresso e ao engrandecimento de uma parte importante do país».

Terminados os discursos e a entrega das condecorações a engenheiros e operários que se distinguiram na obra, o Cardeal Patriarca de Lisboa procedeu à bênção da ponte.

O Sr. Almirante Américo Thomaz encaminhou-se, em seguida, para um plinto situado à

esquerda da tribuna, na companhia do ministro das Obras Públicas e do eng.º Canto Moniz, e proferiu as seguintes palavras:

«Atingido o momento culminante desta soleníssima inauguração, dou graças a Deus e declaro aberto ao tráfego e posta ao serviço da Nação a Ponte Salazar.»

Nesse momento, por comando à distância, O Sr. Presidente da República fez cair as bandeiras nacionais que cobriam, em cada um dos quatro padrões situados nos limites da ponte, as placas com o nome de Salazar e o ano da inauguração. Simultaneamente, o padrão, junto à ancoragem norte, na Avenida da Índia, era também des-cerrado.

O coro entoou o Hino Nacional. E a multidão irrompeu em manifestações de indiscreto júbilo, enquanto mais de mil pombos-correios, dos columbófilos dos distritos de Setúbal e de Lisboa, eram largados. Foguetes rebentavam. Uma bateria de artilharia salvava, em terra; no

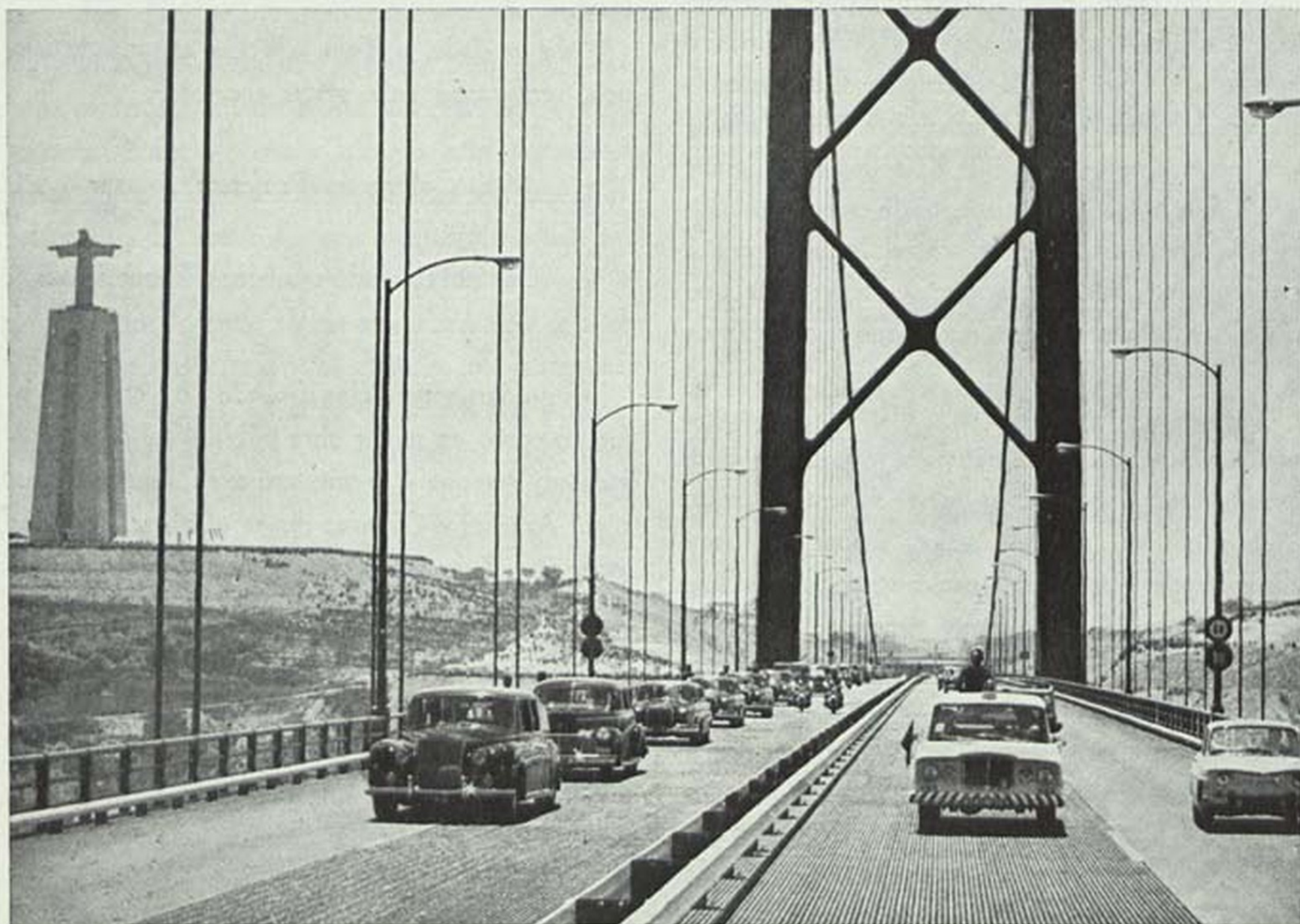
rio, os barcos ensurdeciam tudo com o eco das sireias, e uma esquadrilha de aviões sobrevoava a ponte.

Organizou-se, depois, um cortejo automóvel que, em marcha lenta, atravessou a ponte, ladeado por helicópteros e no qual, além do Chefe do Estado, se incorporaram todas as entidades.

Estava inaugurada a Ponte Salazar: «Esforço da geração presente, homenagem às gerações que a precederam e mensagem de confiança às gerações vindouras».

★

Da ponte, ficou e está a Nação Portuguesa orgulhosa. É uma obra de futuro. É uma obra de prestígio. É, essencialmente, uma obra da geração actual e do Governo de Salazar, com vista ao presente e ao futuro imediato, que impõe a unidade de comunicações como meio imprescindível do todo económico do país metropolitano.



NOITE DE GALA
COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO
DA PONTE SOBRE O TEJO





Por motivo da inauguração da Ponte Salazar, e para celebrar com cerimónia condigna o grandioso acontecimento, na realidade concretização de desejo veemente da Nação, a Câmara Municipal de Lisboa, por decisão do seu presidente, general França Borges, deu uma recepção de honra nos Paços do Concelho—festa memorável, que deixou toda a gente encantada.

Recepção luzida, maravilhosa, com a presença do Prof. Doutor Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, que percorreu os salões, por entre alas respeitadas de convidados, ao lado do venerando Chefe do Estado.

Recepção esplendorosa, a que assistiram o Corpo Diplomático, o Governo, as mais altas figuras da vida portuguesa.

O exterior do edifício era um deslumbramento de luz, que fazia sobressair a harmonia do conjunto arquitectónico, realçado por ricas tapeçarias pendentes das varandas. Bandeiras nacionais e da cidade baloiçavam, impelidas pela brisa suave daquele começo de noite.

Uma força da Guarda Nacional Republicana, com fanfarra, aguardava a chegada do Chefe do Estado, a fim de lhe prestar as honras devidas.

A pouco e pouco, iam chegando convidados que, depois de recebidos à entrada dos Paços do Concelho, eram acompanhados até à escadaria nobre.

Ali, novo espectáculo de surpreendente beleza lhes surgia. Tufos de verdura e flores, encimados por ricos panejamentos verdes, serviam de fundo a soldados da Guarda Nacional Republicana, em uniformes de gala e espadas desembainhadas.

Cerca das 21.30 horas, apeou-se, junto da porta principal, o primeiro convidado de honra do Município, o Sr. Presidente do Conselho. Apresentaram-lhe cumprimentos o presidente da Câmara, o vice-presidente Aníbal David e alguns vereadores.

O Prof. Dr. Oliveira Salazar dirigiu-se, depois, para a escadaria de acesso ao andar nobre, que subiu, lentamente, agradecendo as manifestações de simpatia que lhe eram tributadas.

Outros convidados iam, no entanto, chegando. Membros do Governo, entre os quais os ministros de Estado, da Defesa, dos Negócios Estrangeiros, do Interior, da Justiça, do Exército, da Marinha, das Corporações e Previdência Social e da Educação Nacional; os secretários de Estado da Agricultura e da Indústria, e os subsecretários de Estado da Presidência do Conselho e do Tesouro.

Deu, em seguida, entrada no edifício o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, acompanhado da sua comitiva.

Os convidados não paravam de chegar. A elegância dos vestidos das senhoras contrastava com o preto das casacas. Cintilavam as mais variadas condecorações.

Membros do Corpo Diplomático, representações oficiais estrangeiras, especialmente convidadas para a cerimónia da inauguração da ponte sobre o Tejo, figuras de relevo na vida financeira do

país, da aristocracia, das Letras, das Artes e das Ciências, não cessavam de dar entrada nos Paços do Concelho.

A orquestra de câmara da Emissora Nacional executava, entretanto, trechos de música clássica, enquanto os salões se iam animando com a presença de centenas de convidados.

Um toque de clarim anunciou, por fim, a presença do Chefe do Estado, que ingressou no edifício, depois de ter recebido as homenagens da força da Guarda Nacional Republicana e muitas palmas da multidão postada no Largo do Município.

Receberam o Sr. Presidente da República e D. Gertrudes Thomaz o general França Borges, a esposa e alguns vereadores.

Organizou-se, então, um cortejo em que o Almirante Américo Thomaz dava o braço à senhora de França Borges e o presidente do Município à esposa do Chefe do Estado. Seguiam-se membros da família do Presidente da República, das suas Casas Militar e Civil, e vereadores.

Quando o cortejo atingiu o último lanço da escadaria, a orquestra executou os primeiros acordes do Hino Nacional.



O Almirante Américo Thomaz dirigiu-se, directamente, para o gabinete do presidente da edilidade, onde se encontravam já o Cardeal Patriarca de Lisboa, o Presidente do Conselho, presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, membros do Governo, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e outras altas individualidades.

Após os cumprimentos, o Sr. general França Borges fez entrega ao Prof. Doutor Oliveira Salazar do diploma e da Medalha de Ouro de Gratidão da Cidade de Lisboa, exemplar único mandado cunhar especialmente, de composição figurativa, e na qual se insere em uma das faces a legenda «Lisboa Agradecida», trabalho da autoria do Escultor Mestre Lagoa Henriques.

Seguidamente, o Sr. Presidente da República percorreu, demoradamente, os salões, recebendo os cumprimentos do Corpo Diplomático e dos convidados.

No decorrer da recepção, houve várias exhibições artísticas, a cargo da bailarina Maria Manuela Varela Cid, da actriz Ana Paula, que recitou o poema «Lisboa», da autoria de monsenhor Moreira das Neves, da harpista Henriette Ancet de Sousa e da cantora Dulce Cabrita.

Cerca da meia-noite, foi servida uma ceia aos convidados.

Terminada a recepção, foram oferecidas lembranças às senhoras e aos convidados exemplares da medalha comemorativa da visita do Chefe do Governo aos Paços do Concelho.

★

De assinalar, na recepção, o bom gosto, a hospitalidade tradicional do Município, as gentilezas devidas a convidados de tão alta craveira. Por todos os recantos, nas salas, no magnífico salão nobre, ou ainda no amplo exterior marmoreado do andar principal, havia notas delicadas — aqui uma floreira, acolá uma pequena decoração, além um dispositivo denotando arranjo cuidadoso.

Foi assim, requintada nos pormenores, magnífica, a noite festiva oferecida pela Câmara Municipal às categorizadas figuras da vida portuguesa e a quantos, vindos do estrangeiro propositadamente para assistir à inauguração da Ponte Salazar, emprestaram o brilho da sua presença às comemorações motivadas pela abertura do grandioso empreendimento.

